

Sony Pictures

O IMPACTO DO OSCAR

Ainda estou aqui provocou repercussão em múltiplos aspectos sociais

» RICARDO DAEHN

É na espontaneidade, que a atriz de *Ainda estou aqui* Maeve Jinkings — a brasileira que, na tela, interpreta Dalva Gasparian — avalia a noite histórica vivida em conjunto na premiação de melhor filme internacional pelo 97º Oscar. “Não estou lamentando (a falta de Oscar para Fernanda Torres). Acho uma bobagem entrar nesse clima. Fernanda merecia também, mas existem ganhos muito maiores; afinal de contas acabamos de fazer história com o primeiro Oscar da história do nosso país. Tivemos impactos culturais, políticos, e de ganho de público nas salas de cinema. O Oscar é acima de tudo uma festa do cinema americano, e poder furar essa bolha com um filme tão importante para nosso país, foi um

feito grandioso demais!”, define.

Autor de fitas em torno de política, entre as quais *Os anos JK — Uma trajetória política* (1980) e *Jango* (1984), o diretor Silvio Tendler adere ao pragmatismo, ao pontuar o êxito da estatuetada vencida. “*Ainda estou aqui*, além de um grande filme, revela a grandeza do seu autor. O cineasta Walter Salles, o mais rico do mundo, que investe recursos próprios para contar uma história que nos é sonhada pela ditadura militar, herdeiros e seguidores”, observa.

Tendler se diz “orgulhoso” de fazer parte do grupo que luta por discutir nossa realidade por meio do bom cinema. “Viva a equipe de *Ainda estou aqui*, seu timoneiro, Walter Salles e as Fernandas (Torres e Montenegro), além de toda a equipe de realização.” Para nossa indústria, acho

que não muda nada. A ilusão de que com filme chinfrins construiremos uma indústria não passa de um ledro engano. Walzinho acaba de demonstrar que indústria se constrói com qualidade, talento e grandeza”, avalia o diretor, que traz no currículo um filme intenso na temática de geopolítica — *Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá* (2006).

Vencedora do troféu Saruê (dado pelo *Correio*, e dividido com Ruy Guerra, coautor de *A fúria*), no mais recente Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Luciana Mazzotti acredita que o Oscar possa trazer mais visibilidade para cineastas brasileiros que queiram filmar fora do Brasil. “No Brasil, ainda não chegamos nem perto de ter uma indústria. O Walter Salles é um bilionário que fez um

grande investimento no próprio trabalho. Não acredito que exista essa prioridade em qualquer tipo de governo — de trazer o cinema nacional como integrante da educação e formação dos nossos jovens. Somos apenas instagramáveis”, reforça Luciana Mazzotti.

Força independente

Em certa medida, o crítico e cineasta brasileiro Gustavo Galvão celebra a vitória do cinema independente no Oscar. Ele reflete em torno da mudança de perfil dos votantes da Academia (que vota o Oscar) atenta a cinema autoral. “Junto com a vitória do *Ainda estou aqui*, merecidíssima, há a celebração do *Anora* (vencedor de cinco estatuetas, inclusive atriz para Mickey Madison) é muito significativa em

termos de potencial para cinema de baixo custo. *Anora* custou US\$ 6 milhões, ainda menos do que *Ainda estou aqui*.”

“*Moonlight* (vencedor de 2017) custou apenas US\$ 1,5 milhão, vitorioso como *Parasita* (2019), outro independente. Nesse sentido, não vejo o sucesso do *Anora* como zebra, o filme ganhou o Festival de Cannes! É um representante legítimo dessa grande tradição alternativa de cinema norte-americano. Óbvio que eu ficaria muito feliz com a vitória da Fernanda Torres, que merecia a estatuetta, mas Mikey também. Em *Anora*, ela é uma força da natureza, está em cada plano e brilha em todos eles. O Oscar tem a tradição de premiar atrizes jovens, então sempre a vi como uma fortíssima candidata”, finaliza.

DIRETORES, CINEASTAS E ATORES FALAM SOBRE A RELEVÂNCIA DO PRÊMIO DE MELHOR FILME ESTRANGEIRO, CONQUISTADO PELO FILME AINDA ESTOU AQUI



Ainda estou aqui, além de um grande filme, revela a grandeza do seu autor Walter Salles”

Silvio Tendler, cineasta

O DRIBLE NOS FAVORITOS

Uma rasteira foi passada entre os favoritos apontados pela lista de mais indicados ao Oscar. O Brasil sagrou-se, perfeito, numa vitória e duas outras indicações alcançadas por *Ainda estou aqui*. O primeiro ladrilho nacional foi colocado numa festa acostumada a celebrar cinematografias estabelecidas como a francesa e a italiana e em espalhar tendências como os ciclos de apreciação de filmes orientais, iranianos e mexicanos, por exemplo.

Sexto título abertamente cômico a vencer a festa, desde 1966, *Anora* deu o gosto amargo para os brasileiros que contavam com a consagração de Fernanda Torres (como atriz). Mickey Madison (a estrela da comédia) levou adiante tradições de coroação de jovens atrizes, e especialmente as que modelam personagens ligados à prostituição. Quem também despontou foi o ator Adrien Brody (*O brutalista*), o 21º ator a vencer o Oscar por duas vezes, ao lado de colegas como Tom Hanks, Dustin Hoffman e Robert De Niro.

A leveza da comédia tirou expectativas de consagração de musicais, ainda mais quando lembramos que quase 10% dos vencedores foram do gênero. O bloco dos 10 selecionados a melhor filme em 2025 trazia dois títulos: *Wicked* (candidato a 10 estatuetas e vencedor de duas) e *Emilia Pérez* (o recordista do ano, com 13). Diferentemente de parceiros na estatua, como *Oppenheimer* (vencedor de sete prêmios), o musical *Chicago* (que arrebatou seis) e *Shakespeare apaixonado* (vitorioso em sete),

PAVIMENTANDO O OSCAR BRASILEIRO

Houve abre-alas e esquentada, na categoria de melhor filme internacional vencida por *Ainda estou aqui*, já que o Brasil havia competido por *O pagador de promessas* (1963), *O quatrilho* (1996), *O que é isso, companheiro?* (1998) e ainda *Central do Brasil* (1999), este sob direção do mesmo Walter Salles. Há 20 anos, houve enorme destaque verde-amarelo, com avanço de indicações para *Cidade de Deus* (inclusive melhor direção para Fernando Meirelles). Fotografia, roteiro adaptado e montagem foram destacados.

Alguns prêmios anteriores atravessaram o Brasil, entre os quais os mais lembrados

Reprodução



Fernanda Montenegro foi indicada ao Oscar de Melhor Atriz por *Central do Brasil* em 1999

são o de filme internacional para a produção francesa (com ambientação, idioma, musicalidade e origem brasileira) *Orfeu do carnaval* (ou *Orfeu negro*), em 1960; e a premiação do ator norte-americano William Hurt (pelo

filme *O beijo da mulher aranha*, com o argentino de nacionalidade brasileira Hector Babenco, indicado a diretor). Rodado em São Paulo, o longa, no palco da Academia, ganhou a visibilidade pela vitória do melhor *Hurt*, que caprichou no agradecimento. Houve comoção no Brasil, uma vez que ele agradeceu ao “povo corajoso” do Brasil e demarcou: “Saudade, Brasil”. (RD)

Emilia Pérez teve apenas Zoe Saldaña e música *El mal* premiados. O filme francês de Jacques Audiard, com pretensões mexicanas, perdeu 11 categorias, e entrou para a lista que inclui *Belinda* (1948), *Becket, o favorito do rei* (1965), *Momento de decisão* (1978), *A cor púrpura* (1986) e *O ataque dos cães* (2022).

A música, definitivamente, não deu a tônica da festa, com a

cinebiografia em torno de Bob Dylan desprestigiada, *Um completo desconhecido*, com oito indicações, seguiu na condição anônima em termos de vitórias. Na mesma condição de oito indicações, o thriller *Conclave* venceu apenas o importante Oscar de roteiro adaptado. Entre prêmios técnicos, o terror *A substância* (que poderia render Oscar para Demi Moore)

venceu o Oscar de melhor maquiagem e penteado.

Pontuação política

Poucos momentos trouxeram alguma politização como quando Daryl Hannah apresentou melhor montagem, e lacrou: “Glória para a Ucrânia!” O cocriador iraniano Hossein Molayemi (do melhor

curta de animação *In the shadow of cypress*), que exaltou, no filme, traumas bélicos à beira-mar, aproveitou o discurso para lembrar aqueles que “ainda estão lutando batalhas internas e externas como os compatriotas iranianos”. Primeira mulher de origem dominicana a vencer um Oscar, a melhor coadjuvante Zoe Saldaña (de *Emilia Pérez*) pontuou o discurso com questões familiares. “Minha avó estaria tão feliz (com a vitória); ela veio para os Estados Unidos com imigrantes, em 1961, trouxe dignidade e sonhos, em mãos rendidas ao trabalho. Sou uma descendente orgulhosa a vencer, e não serei a última”, discursou.

Um dos momentos mais destacados foi quando representantes do coletivo palestino e israelense do melhor documentário *No other land* discursaram, mostrando o potencial de união dos povos, num ataque direto ao tipo de diplomacia internacional em curso nos Estados Unidos. “Há um caminho diferente, uma solução política, sem supremacia étnica, com direitos nacionais para ambos os nossos povos. E devo dizer que, enquanto aqui estou, a política externa dos EUA está a ajudar a bloquear esse caminho. Não vê que estamos interligados, que o meu povo pode estar realmente seguro se o povo de Basel (o cineasta palestino) tiver realmente livre e em segurança? Existe outra forma. Não é tarde para a vida, para os vivos. Não há outro caminho”, defendeu o jornalista israelense Yuval Abraham, quando celebrou a vitória ao lado do ativista palestino Basel Adra. (RD)